

HERANÇA DO NEGATIVO E INCESTUALIDADE NOS LAÇOS FAMILIARES

Fernanda Ribeiro Palermo

Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro

Andrea Seixas Magalhães

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Recebido em: 17/12/2022

1ª revisão em: 12/08/2023

Aceito em: 14/08/2023

RESUMO

A transmissão psíquica trabalha no sentido de vida e de morte, por meio das alianças inconscientes, entre e através das gerações. O objetivo deste artigo é discutir o lugar da incestualidade e da sensorialidade na transmissão psíquica do negativo. Enfatizamos que a herança do negativo faz parte da pré-história dos sujeitos, e que os traumatismos não elaborados, não acessíveis à memória, são inscritos no psiquismo familiar e nos corpos singulares. A fim de ilustrar a discussão proposta, apresentamos uma vinheta clínica de psicoterapia psicanalítica de família. Concluimos que a transmissão do negativo e a qualidade incestual atuantes nos laços familiares se evidenciam por meio da sensorialidade, no atravessamento dos espaços psíquicos e na temporalidade da família, causando prejuízos no reconhecimento das diferenças e nos processos de subjetivação.

Palavras-chave: transgeracional; incestual; família; sensorialidade.

INHERITANCE OF THE NEGATIVE AND INCESTUALITY IN FAMILY TIES

ABSTRACT

Psychic transmission works in the sense of life and death, through unconscious alliances, between and across generations. The purpose of this article is to discuss the place of incestuality and sensoriality in the psychic transmission of the negative. We emphasize that the inheritance of the negative is part of the prehistory subjects and that the untreated traumas, not accessible to memory, are registered in the family psychism and in the singular bodies. In order to illustrate the proposed discussion, we present a clinical vignette of family psychoanalytic psychotherapy. We conclude that the transmission of the negative and the incestual quality acting in the family bonds are evidenced through sensoriality, in the crossing of psychic spaces and in the family's temporality, causing losses in the recognition of differences and in the subjectification.

Keywords: transgenerational; incestual; family; sensoriality.

HERENCIA DE LO NEGATIVO Y INCESTUALIDAD EN LOS LAZOS FAMILIARES

RESUMEN

La transmisión psíquica funciona en el sentido de vida y muerte, por las alianzas inconscientes, entre y a través generaciones. El objetivo de este artículo es discutir el lugar de la incestualidad y de la sensorialidad en la transmisión psíquica de lo negativo. Destacamos que la herencia de lo negativo es parte de la prehistoria de los sujetos, y que los traumas no elaborados, no accesibles a la memoria, están inscritos en el psiquismo familiar y en los cuerpos singulares. Para ilustrar la discusión propuesta, presentamos una viñeta clínica de psicoterapia psicoanalítica familiar. Concluimos que la transmisión de lo negativo y la calidad incestual en el trabajo en los lazos familiares se manifiestan a través de la sensorialidad, en el cruce de espacios psíquicos y en la temporalidad familiar, provocando pérdidas en el reconocimiento de las diferencias y en el proceso de subjetivación.

Palabras clave: transgeneracional; incestual; familia; sensorialidad.

INTRODUÇÃO

A discussão acerca da transmissão psíquica, sob a ótica da psicanálise, encontra suas origens em Freud (1908/1996), na relação entre a moral sexual civilizada e a neurose daquele tempo. Há uma estreita ligação entre a ideia da transmissão e a da transferência, colocada na hipótese da transmissão filogenética. Esse foi um reconhecimento de Freud sobre o que poderia existir para além do sujeito na psique individual – primeiros indícios de uma marca intersubjetiva no psiquismo (Kaës, 1993). O conceito de pulsão de morte e a teorização sobre o que estaria para além do princípio do prazer também surgem nesse contexto, marcando a questão da repetição e do traumatismo inelaborável presente no sujeito.

No entanto, as dimensões inter e transgeracional foram conceituadas após as duas grandes guerras mundiais, a partir de descobertas teórico-clínicas sobre a psicanálise de grupos. Tanto os adoecimentos advindos dos traumas de guerra, como os que, mais tarde, vieram a se manifestar através da psicossomática, das patologias limite e narcísicas, acentuam a atuação da transmissão psíquica transgeracional, do negativo, do irrepresentável, dentre outros.

A complexidade da reflexão sobre o que se transfere e o que se transmite do espaço psíquico de um sujeito a outro, entre vários espaços psíquicos, e as repercussões nos laços que se tecem em família, traz à luz sofrimentos psíquicos marcados por falhas no processo de simbolização e pela preponderância do tempo do originário e do tempo da ancestralidade. Ao longo das últimas décadas, os estudos sobre a transmissão psíquica entre gerações vêm contribuindo para o campo da psicanálise de família, em especial para a compreensão dos impactos do traumático transmitido nos processos de subjetivação (Eiguer, 2011, 2020; Kaës, 1993, 2009; Granjon, 2000, 2020). Considerando que há um diálogo entre o espaço intersubjetivo e o singular, destacamos o papel comunicacional da sensorialidade, uma vez que ela faz reverberar nos sujeitos o não pensado e o não acessível à memória, que se presentificam através dos mecanismos defensivos familiares.

O objetivo deste trabalho é discutir o lugar da incestualidade (Racamier, 1995) e da sensorialidade na transmissão psíquica do negativo. A discussão será ilustrada por meio de uma vinheta clínica que aborda o traumatismo entre as gerações e as fraturas no originário, em que elementos brutos não elaborados (Bion, 1962), comunicados pela sensorialidade, maculam o acesso à genealogia e à memória, sobrecarregando o psiquismo familiar (Ruffiot, 1981) e prejudicando os processos de singularização. Nessas ocasiões, há uma precariedade simbólica na trama familiar, em que circulam afetos sem sentido e confusões psíquicas e geracionais.

A TRANSMISSÃO PSÍQUICA E AS ALIANÇAS INCONSCIENTES

A transmissão psíquica trabalha no sentido de vida e de morte, por meio das alianças inconscientes, entre e através das gerações, e pode encontrar na sensorialidade uma forma de comunicação. Trata-se de uma comunicação pelo que passa pelos órgãos dos sentidos, pelo sentir, pelo corpo. É o primado do que escapa à palavra e à semântica. A sensorialidade comunica a vida primária e as heranças do sujeito, dimensões que marcam o sujeito, em sua corporeidade e psiquismo, por toda a vida. Ela se relaciona à maneira como o sujeito apreende as sensações que marcam o seu corpo, sendo elas decorrentes tanto de processos internos quanto do encontro com o ambiente externo. A sensorialidade, assim, está localizada em uma zona de entrecruzamento do dentro e do fora, do eu e do outro, do íntimo e do compartilhado, não podendo ser redutível e dizendo respeito ao sujeito singular plural (Kaës, 2011).

A transmissão psíquica é aquilo que circula entre os ascendentes em direção aos descendentes, um modelo prototípico de pais para filhos, de avós para pais e assim por diante. Mas a transmissão se manifesta, também, pelo modo como os descendentes recebem e colocam em trabalho psíquico os legados, o que inclui a devolução de material recebido para as gerações anteriores, seja de forma metabolizada e criativa, seja forjada pela repetição. Portanto, a transmissão possui um caráter dialético e assimétrico entre os membros da família e promove laços de filiação e de afiliação. Essa característica interativa revela que na transmissão há algo inacessível e, também, um traço que é sentido ao longo do tempo e possibilita recriação e elaboração.

Pautamo-nos no pensamento de Kaës (1993, 2011), autor que afirma que o que está em jogo na transmissão é a própria formação do inconsciente e os efeitos na subjetividade produzidos pela intersubjetividade. Isso porque o psiquismo é entendido como tributário do inconsciente grupal, ou seja, para o autor é preciso reconhecer que o sujeito é composto por três espaços: o espaço do sujeito, o dos laços e o do grupo.

Meu trabalho foi tentar uma articulação entre a realidade psíquica do grupo e a do sujeito singular, a fim de tentar explicar a parte que cabe a este na formação daquela, e a maneira pela qual o sujeito se forma na intersubjetividade como sujeito do inconsciente (Kaës, 2011, p. 18).

O grupo precede o sujeito, que recebe heranças através das representações simbólicas, dos processos identificatórios e da transmissão psíquica. A transmissão intergeracional, de uma geração à outra, tem como função ser semaforizante e metaforizante. No entanto, o que é transmitido e o que constitui a pré-história do sujeito não é somente o que o sustenta e o assegura, há também aquilo que se

herda através do negativo, por meio da transmissão transgeracional. Estamos no campo da transmissão daquilo que não pôde ser contido, retido, aquilo que não está acessível à memória, mas está inscrito no psiquismo familiar e será depositado e transferido às gerações posteriores.

À vista disso, concordamos com autores como Kaës (1993, 2009), Ruffiot (1981) e Granjon (2000, 2020), que sustentam que não é apenas o mecanismo de recalque que constitui o inconsciente, mas também o que é da ordem da falha, da clivagem, o que é transmitido através de incorporação de lutos não elaborados por meio da transmissão transgeracional.

Partindo dessa premissa, a ênfase do nosso artigo é dada mais ao quantitativo do que ao qualitativo, pois entendemos que no campo do traumatismo entre as gerações o excesso de libido se faz presente através da expressão não verbal e da sensorialidade. Ainda que os laços primários da família sejam base para os demais, quando há um excesso de transmissão traumática neles impressos, surge o risco de eles se tornarem quase que exclusivos, empobrecendo as relações da família e de seus membros com o mundo compartilhado. O que é fundante e imprescindível pode se apresentar como um mecanismo de defesa, recurso acionado para fazer face às dificuldades de simbolização.

É assim que a sensorialidade se torna expressão do que não está acessível ao pensamento, juntamente com um excesso de coexcitação na família. O traumático desponta do encontro entre o sujeito e a história genealógica familiar, que comporta excessos, abusos ou negligência. A transmissão transgeracional se manifestará na corporeidade, que será sentida sem alcançar um sentido para o sujeito.

Quanto ao traumatismo, o ataque à capacidade de confiar e as excessivas descontinuidades atravessam o processo de ser em família e de ser sujeito. Se a etimologia do trauma deriva do grego ferida, podemos inferir que o traumatismo transmitido entre gerações seria correlato a uma ferida do passado que é (re)ativada no presente, favorecendo descontinuidades, rupturas e invasões no psicossoma. Nesse sentido, propomos a ideia de trauma cumulativo (Khan, 1963/1977) geracional, considerando que, segundo Masud Khan, o ambiente possui um papel incontestável como escudo protetor e fracassa ao invadir o sujeito e ameaçar o seu processo de subjetivação - fenômeno semelhante que ameaça o psiquismo familiar. Importante destacar que não se trata de falhas inerentes a qualquer atividade humana, mas sim àquelas decorrentes de invasões e propiciadoras de uma lógica traumática cumulativa.

A ideia de trauma cumulativo geracional alude, desse modo, àquilo que não se elabora em uma geração, invade outra, impondo-lhe fraturas psíquicas, e se torna traumático ao longo das gerações, como resíduos que podem aprisionar os sujeitos e impedi-los de alcançar a capacidade de ser (Gampel, 2016). O traumático impresso nos corpos obstrui a atividade representacional e atua como um contínuo sentimento de agonia e de incompreensão. Mas, ainda que o acento dado seja no

negativo, há, concomitantemente, uma potência em criar representações, construções e símbolos, já que os laços e as alianças são construções dinâmicas.

Mais uma vez alinhados à teorização de Kaës, trabalhamos com a concepção de alianças inconscientes (Kaës, 2009) na base do laço formado pelos membros da família, e é através delas que se efetua a transmissão da vida psíquica entre gerações. Na dinâmica produzida pelas alianças inconscientes incide a atuação do pacto denegativo. O que está em pauta é o negativo que atua no agenciamento das subjetividades aparelhadas no espaço psíquico familiar, que aciona resistências poderosas que visam à preservação do laço, ainda que, no extremo, o custo em questão possa ser um ataque ao aparelho de transformação familiar.

Conforme afirma Kaës (2009), em todo laço intersubjetivo é requerido do sujeito algum nível de negação, enquistamento, rejeição, para que seja possível se constituir e se manter em laço. Um ponto importante no que diz respeito à dinâmica das alianças inconscientes é o de existir um mútuo acordo inconsciente para que o laço se organize e se sustente na complementariedade de interesses. É preciso que seja assegurada a continuidade dos investimentos ligados à manutenção dos ideais, do contrato narcisista e do pacto denegativo. Neste sentido, nos laços sempre atuam investimentos mútuos, renúncias, sacrifícios e restos, uma vez que eles possuem uma face positiva e outra negativa.

Kaës (2009) propõe quatro tipos de alianças inconscientes: a que se esteia no modelo da relação mãe-bebê, a aliança defensiva, a aliança defensiva patológica, e a aliança ofensiva. A fim de melhor elucidar a trama das alianças inconscientes que atua nas famílias, destacamos dois dos quatro tipos de alianças inconscientes propostas pelo autor. O primeiro tipo caracteriza-se pela sintonia primária entre mãe e bebê e pela recíproca e assimétrica troca existente entre os dois, área de ilusão onde circulam as fantasias. A noção de contrato narcisista, conceituada por Aulagnier (1975), e retomada por R. Kaës, refere-se a um investimento narcísico vital, que se dá nos primórdios da vida e está na base da grupalidade psíquica. O contrato narcísico é uma formação de laço inconsciente que liga o bebê aos pais, à família, às gerações anteriores e ao grupo social, sendo ele crucial para a efetivação do contrato filial, que pode ser dificultado se o excesso de negativo circulante no laço ameaçar os pilares narcísicos familiares.

Já o segundo tipo, a aliança defensiva, é fortemente baseada no pacto denegativo. Ainda que, como dito anteriormente, o pacto denegativo exista em todos os laços em alguma medida, este representaria uma transmissão negativa que cria zonas de silêncio na família e falhas na metabolização, dando margem a um fracasso no contrato que liga a família ao sujeito e vice-versa. Os adoecimentos na família podem remontar a situações que possuem marcas primitivas e assinalar uma turbulência emocional advinda de um tempo ancestral, no qual a comunicação sensorial é preponderante, uma vez que a herança está impressa na corporeidade.

Tudo aquilo que transgrida os interditos pode ser silenciado e relegado ao esquecimento, como forma de não ameaçar a continuidade dos laços. O

esquecimento funciona, nesse contexto, como apagamento, com propósito de suprimir conteúdos dolorosos mesmo sob pena de que, ao serem suprimidos, ressurgam nas gerações posteriores através de uma confrontação agonizante: um estranho que habita a própria interioridade do sujeito, sentido no corpo e no laço com o outro. As famílias que utilizam a comunicação mais sensorial são aquelas que vivem o temor de desintegração, o que as leva a silenciar e a esquecer tudo o que as ameaça.

Em muitas famílias, atua um pacto denegativo alienante: a coesão da família ocorre através do silenciamento de uma realidade, que se torna indizível e impensável. Isso pode ocorrer, por exemplo, em situações em que o passado dos pais não é contado, circulando um comunicado de acesso interdito, segundo o qual pensar é transgredir. Pensar é colocar em risco o laço. Dessa forma, considerar a existência de um pacto denegativo alienante é supor que algo precisa se manter inacessível ao sujeito, fora do seu pensamento e da sua memória, ainda que seja ativado em seu corpo. Um ar de segredo se instala, e sua revelação representa uma ameaça à continuidade dos laços no seio da família.

MEMÓRIA EM NEGATIVO E RESÍDUOS RADIATIVOS

O sujeito invadido por questões ligadas às origens pode buscar objetos de investimento carregados de idealização, como ocorre frequentemente na adolescência, de maneira a (re)significar sua biografia e garantir a afiliação. Isso porque a herança de conteúdos brutos pode aprisionar o sujeito nos ancestrais, mediante uma colagem e uma superposição de tempos. Um personagem do passado é encarnado no presente (re)compondo uma cena familiar sabida, ainda que não pensada. Diante do interdito de pensar e de questionar, e como forma de escapar dos mandatos transgeracionais, as escolhas radicais se apresentam e reafirmam as violências alienantes das origens, o que repercute na fragilização dos laços de filiação e de afiliação e no surgimento de questões ontológicas e identitárias.

Assim, ativado o pacto denegativo alienante, apresenta-se um interdito de pensar e recordar. Todos, em família, portam uma memória em negativo, o que os torna, ao mesmo tempo, depositários e garantidores do funcionamento vigente. Os membros da família, nessas condições, portam uma história em seus corpos, o que se expressa através da sensorialidade ativada por restos radioativos (Gampel, 2016).

A metáfora da radioatividade é utilizada por Gampel (2016) para pensar sobre aquilo contra o qual não é possível se proteger e que influencia o estabelecimento de laços. Ser portador de um traço radioativo significa ser contaminado por algo do passado traumático, através de um núcleo identificatório que se manifesta no corpo, na desorganização psíquica e/ou no vazio existencial. Essa é uma das formas da geração anterior continuar viva e fazer laço através da geração seguinte. O sujeito que porta a radioatividade sente em si um estranhamento, uma vez que ele

é portador de um corpo estrangeiro que retorna e é transmitido através de uma não inscrição no inconsciente da geração antecedente.

Essa concepção é relevante para a discussão aqui proposta em razão do sentimento de inquietante estranheza face a si e em família, perpetuado pela transmissão transgeracional sem distância topográfica e temporal. Esse é o campo das identificações alienantes e das incorporações, que suscita uma experiência sensorial. Isso se revela no fato de que, em muitas famílias, uma crescente tensão e inquietação no corpo levam a mecanismos defensivos para aplacar o excesso de energia circulante.

Como já dito, o traumático circula nos laços familiares e atua na formação das alianças inconscientes. Por não ter havido um acesso à memória e ao passado, as gerações posteriores se veem assombradas pela reverberação sensorial do traumático. Diante de lutos não elaborados ocorre uma confusão entre a identificação ao ideal de eu e aos ideais a serem cumpridos como mandatos transgeracionais. Essa dinâmica inconsciente familiar aprisiona o sujeito nas projeções a ele direcionadas, impulsionando-o ao agir como forma de resolução dos enigmas familiares. O sujeito sente os efeitos do estrangeiro que habita em si advindos da transgeracionalidade, e, em consequência, encontra obstáculos no processo de singularização e de aquisição do sentido de alteridade.

A SENSORIALIDADE COMO UMA LINGUAGEM FRENTE AO TRAUMÁTICO

O comunicado circulante no psiquismo familiar de não poder saber e nem pensar ocasiona um corte na parte da transmissão que carrega a história das origens, gerando uma atmosfera de estranhamento e de silenciamento. Para que algo do passado se mantenha inacessível, é preciso interditar o saber como um todo. Muito mistério em família afasta o sujeito da curiosidade, o que aduz ao fato de o negativo intervir como uma sombra do objeto atuando na família. Há um vazio de representação que age como força de atração, um buraco que clama pelo reconhecimento de algo que já ocorreu em um tempo anterior.

Um membro da família pode ser refém da herança do negativo, que se revela no mal-estar corpóreo e na comunicação de base sensorial. Da mesma forma que uma doença é herdada de gerações anteriores, através do DNA, é possível ser portador de uma falha ou de um objeto transgeracional que habita o sujeito. O paradoxo se encontra na necessidade de o sujeito se apropriar dessa falta para aceder ao lugar de sujeito de uma herança e, assim, ligar-se aos ancestrais, alcançando o sentimento de pertencimento e de filiação, libertando-se, por fim, de seu fardo.

Diante de um vazio de representação, o negativo, em questão, atrai a família em direção às profundezas, onde se encontra a força pulsional sem ligação, que influencia os investimentos psíquicos e que sobrecarrega a corporeidade. O vazio remete a algo ocorrido que se tornou inominável e que deflagra um jogo entre

ocorrido/não-ocorrido, existência/inexistência, elementos que fomentam o ataque ao pensamento (Bion, 1967).

Os traços impressos no sujeito através da transmissão transgeracional carregam a força do irrepresentado, do inominável, do transbordamento da capacidade do psiquismo familiar em fornecer contenção, ativando a expressão da sensorialidade. Segundo Palermo (2021), as experiências sensoriais sem contenção produzem uma comunicação sensorial que entrará em ação como forma de linguagem face a esse transbordamento. Esse é o campo do que não alcança a forma de pensamento. Traços de histórias impensáveis se evidenciam na experiência de sensorialidade na família através de movimentos de ruptura e de mecanismo de colagem entre os membros. O excesso do negativo ataca a memória, ataca a apropriação subjetiva e o sentido de tempo, uma vez que algo se impõe, à revelia, no psiquismo do sujeito, figurando em uma presença constante de um não eu. O ataque é, também, à criatividade, atividade fundamental para o psiquismo familiar e para o processo de subjetivação do sujeito.

Em determinadas situações, ocorre uma sujeição da criança em relação ao que os pais dizem ou calam, o que prejudica o livre acesso à interpretação de seu próprio psiquismo e leva à sobrevivência psíquica a ficar aprisionada na versão narcísica dos pais. Esse fenômeno é entendido por Haydée Faimberg (2001) como a atuação da violência simbólica das origens, representada nos fantasmas que assombram os descendentes através de uma transmissão alienante. A autora afirma que o modo como os pais transmitem sua história para os filhos pode funcionar como forma de intrusão.

A transmissão alienante funciona como forma de impedir que a criança tenha acesso às investigações, em destaque para as que dizem respeito a si mesma, já que os pais não funcionam como facilitadores do desenrolar desse processo. Nesse sentido, as identificações alienantes ficam subjugadas a um regime de regulação narcísica: os pais transmitem aos filhos um funcionamento narcisista como resolução de dilemas intrapsíquicos advindos da intersubjetividade, maneira defensiva encontrada para lidar com o desamparo. Essa trama pode, ainda, facilitar uma captura psíquica, aprisionando uma geração à outra em prejuízo do processo de vir-a-ser dos membros da família e um esmagamento temporal.

A transmissão do traumático entre as gerações contribui para falhas ambientais e para a ativação posterior de uma comunicação sensorial na família (Palermo, 2021). Quando o humano não encontra no olhar do outro o espelhamento que proporcione o encontro consigo mesmo, ocorre uma vivência traumática primitiva. Há um entrave na efetivação dos processos de subjetivação, sob o risco de a singularidade permanecer confinada e perdida dentro do próprio sujeito, na tentativa de preservar um próprio eu. Com a intermitente ameaça de colapso, o sujeito sofre prejuízos na capacidade de estabelecer laços verdadeiros, de confiar e expressar um si mesmo genuíno.

Segundo Eguer (2020), existem múltiplas formas de memórias nos sujeitos marcados por traumas transmitidos pelos ancestrais. Os traumas são sempre penosos, independentemente de serem organizadores ou desorganizadores, primitivos ou elaborados. Nessas circunstâncias, o tempo se revela como eterno e imortal ao se apresentar nos sujeitos através de sintomas de amnésias, distorções, alucinações, negações, dentre outros, pautados na necessidade de elaboração do sensorial - a dimensão mais primária da vinculação.

Nesses cenários acima explicitados, o mecanismo de identificação projetiva é intensificado, o que sublinha uma forma de comunicação primária em que a corporeidade passa a ocupar a cena. A atuação da identificação projetiva, via de comunicação, promove algum nível de mimetização, porém, a capacidade familiar de conter e metabolizar os conteúdos projetados faz a mimetização ceder lugar à circulação dos elementos alfa (Bion, 1962). A função *alfa* familiar garante o estabelecimento das primeiras formas de representação metabolizando a sensorialidade na família.

Quando é possível um destino menos marcado pelo excesso do transgeracional, a família é capaz de ser continente e de garantir suficiente continuidade dos laços para favorecer, também, a capacidade de pensar de seus membros. Caso contrário, um modo defensivo arcaico é ativado como força contrária à vivência de estarem sós na presença do outro, de confiabilidade e de repouso. A comunicação sensorial passa a funcionar como um reverberar do traumático sem palavras.

O traumatismo é, então, o que transborda da capacidade de contenção do aparelho psíquico familiar. A maneira pela qual a família vivencia o traumatismo depende, primeiramente, da pressão exercida por ele, mas também do sentido a ele designado e como ele foi inscrito na história familiar. A capacidade de contenção pelo psiquismo familiar está ligada à tolerância à frustração e à elaboração dos lutos, modelo prototípico bioniano, que alude à conquista de uma experiência subjetiva complexa. Assim, quando a família não é capaz de metabolizar as experiências de forte impacto, transformando os afetos brutos em representações, ativam-se laços adesivos, marcados pela reverberação sensorial, que podem apresentar uma qualidade incestual.

A QUALIDADE INCESTUAL NOS LAÇOS FAMILIARES

Conforme explicitado anteriormente, a problemática da transmissão do traumático se apresenta através da evitação de contato com as emoções dolorosas e do estreitamento de laços familiares. Muitas vezes, os laços familiares estão pautados em uma lógica que desconsidera as diferenças entre gerações, estabelecendo uma ordem narcísica igualitária em que a violência se presentifica por intrusão e por proximidade excessiva entre os membros da família.

Diante do efeito insuportável causado pelas fantasias de separação, a família passa a se valer de um funcionamento marcado pela evitação da dor e pela preponderância do impensável. Desse modo, uma via fantasmática empobrecida

favorece o agir sobre o pensar, tal como o atravessamento do tempo e dos espaços psíquicos. Isso se evidencia nas famílias em que, sob o pretexto de mais alcançar maior liberdade nas relações familiares, vive-se uma horizontalidade nas relações, não havendo marcadores relativos a quem é adulto, quem é criança, quem cuida de quem, entre outros. Nesses casos, os movimentos são evitados, todos ficam atados em um contexto confusional, em que não há fronteiras entre cada sujeito e entre singular e compartilhado.

A recusa a todo custo a qualquer movimento que se desdobre em autonomia e separação, como resposta à ameaça de morte sentida pelos membros da família, ativa um funcionamento incestual (Racamier, 1995) cuja característica primordial é a confusão. Confusão que acomete os sujeitos e aciona mecanismos, já descritos, como o de colagem, fazendo com que os laços familiares sejam deturpados. Uma expressão confusional surge quando as fronteiras intergeracionais se tornam frágeis ou até mesmo invertidas entre as gerações. A genealogia é atacada, despontando impasses que podem nutrir fantasias que trabalham contra o reconhecimento da cena primitiva e em favor de uma autossuficiência narcísica, ideia de que a existência da família prescinde das gerações anteriores.

Na medida em que as fronteiras entre os sujeitos se estreitam, apenas uma se impõe: aquela entre a família e o mundo exterior. A qualidade incestual deturpa os laços e resulta em uma desorientação familiar. Ao abordar a incestualidade familiar, Racamier (1995) qualifica de incestual um registro da vida psíquica individual e/ou familiar que imprime o incesto não fantasiado. Sendo um equivalente do incesto, o incestual seria uma manifestação discreta, mas não menos nefasta, caracterizada por aquilo que é da ordem do escondido, do secreto, do inominável, que atua como uma marca vazia nos psiquismos, sem fantasia e sem sonhos, mas presente nos laços sob forma de união narcísica entre os sujeitos. A incestualidade aduz ao fato de que, em família, a criança é colocada em um cenário nocivo e desconhecido, onde são perpetuados abusos psíquicos que visam à satisfação dos próprios anseios familiares.

Quando da presença da qualidade incestual, os lugares familiares são ocupados de maneira pouco distinta, muitas vezes invertidos, como, por exemplo, de filha, no lugar de mãe, filho, no lugar de marido, entre outros, introduzindo uma confusão no aspecto geracional e sexual na família. Nesses casos, ocorre uma reativação de uma relação de sedução narcísica, acompanhada por paradoxalidade. A paradoxalidade, aqui, não corresponde ao paradoxo winnicottiano, mas ao seu inverso, uma forma de interação que sobrepõe comunicados e visa, através do quadro confusional, a estabelecer laços de dominação. O perdurar do modelo cujo protótipo é o da relação entre mãe e bebê, em que ambos se seduzem, é a característica central dessa forma relacional. A diferença é que, em casos saudáveis, a dupla se seduz como se cada um fosse parte do outro, mas a fim de encontrar suas diferenças.

A sedução narcísica é compreendida por Racamier (1995) como “o motor e o cimento” da unidade corporal inicial, que é sucedida por uma outra forma de união. O bebê deve seduzir a mãe e poder se desapontar com a incompletude dela. Já a mãe seduz o seu bebê e precisa viver seu desapontamento ao descobrir que ele se favorecerá com a paulatina redução de sua importância para ele. Essa mutualidade da sedução é narcísica, cada um se reconhece no outro e, mais precisamente, há o reconhecimento da unidade que formam juntos. Mas a relação narcísica é paradoxal, pois ela é uma relação que une, mas separa, unindo o que ela diferencia e distinguindo o que ela reúne. Esse é o paradoxo originário da sedução narcísica.

A contribuição de Defontaine (2007) em muito enriquece a nossa discussão, uma vez que a autora afirma que a família pode reconhecer um evento traumático intelectualmente, permanecendo negado afetivamente, não encontrando de fato validação e se impondo através do agir. A ideia de um agir psíquico consiste na expressão do mecanismo de injeção projetiva, cuja atuação é frequente como modo de solução de problemas nas famílias, e evoca a ideia de circulação de afetos não mentalizados no psiquismo familiar. Há uma projeção no outro que se efetua pela via do agir, uma forma de intrusão no psiquismo do outro que visa compeli-lo a agir e a se comportar através de uma força que ele não domina. Ressaltamos que, justamente por sua intenção de aprisionamento, esse mecanismo se diferencia do de identificação projetiva, que possibilita ao outro experimentar afetos não metabolizados a fim de estabelecer comunicação.

A consequência desse sofrimento circulante em família é um estreitamento dos laços e a sobrecarga na corporeidade. Defontaine (2007) destaca configurações familiares em que circulam objetos paradoxais, aqueles que carregam uma forte carga de incestualidade e cuja expressão é a oscilação entre fusão e rejeição brutal. O que se evidencia é a falha da elaboração do luto originário, a ativação da vivência de autoengendramento e, como consequência, um atravancamento do desdobramento edípico. Se o acesso ao Édipo se torna problemático, devido ao laço incestual, a sedução narcísica impera, mantendo um alto nível de coexcitação familiar que sobrecarrega o psiquismo da família e traz à centralidade os aspectos corpóreos mais primários.

Nesses casos, predomina a vivência narcísica própria da dependência absoluta do início da vida. A família, preenchida com fatos e não com vivências, possui a marca da funcionalidade e do imediatismo, o que é contraposto à da existência e à da autenticidade. A paradoxalidade se apresenta a serviço da organização defensiva, envolvendo a recusa dos desejos, dos lutos e das diferenças. A relação narcísica desponta como uma modalidade pervertida de investimento no outro, onde reinam os laços incestuais. Assim, o incestual não seria, segundo Racamier (1995), decorrente do registro do Édipo, ele é justamente um ante-Édipo e um anti-Édipo, pois está em um registro anterior, e em oposição a ele. É relevante dizer que o ante-Édipo é aquela construção psíquica que visa manter a sedução narcísica, o que, em primeira instância, não está associado à patologia. O objetivo do ante-

Édipo seria manter a sedução narcísica mútua, protegendo a dupla do excesso das coexcitações até a emergência edípica.

Na medida em que a dificuldade de elaboração do luto fundamental prepondera, adicionado aos lutos não elaborados advindos da transmissão transgeracional, o ante-Édipo passa a exercer função defensiva. Esse registro funciona no impedimento de acesso às angústias relativas às três diferenças essenciais – das gerações, dos sexos e dos seres - e incita estados de entranhamento familiar. Diante do acionamento de defesas onipotentes e narcísicas, a carga incestual transborda e ameaça o bom funcionamento do registro da castração. Opondo-se, também, ao registro da fantasia, da representação e do desejo, a carga incestual esvazia as vias simbólicas e se apresenta pela via do atravessamento dos psiquismos e dos corpos. O agir ocupa o lugar do pensar, e a sensorialidade é ativada como via privilegiada de comunicação daquilo que atua nos laços familiares.

A presença do incestual e a desconstrução da trama edípica são dois fenômenos alinhados, no entanto, não é possível dizer que a desconstrução do Édipo é o que provoca o incestual ou vice-versa. É importante ressaltar que, nas tramas em que a incestualidade se apresenta, o lugar da lei se fragiliza, e o supereu, como instância também reguladora do psiquismo familiar, não funciona como organizador dos laços. Grinspon (2016) afirma que, nas famílias em que o incestual atua, prepondera uma relação narcísica como modalidade pervertida de investimento no outro, em prejuízo à alteridade.

A problemática do transgeracional se revela na trama da incestualidade. O negativo se evidencia pelos buracos no discurso familiar, pelo que nele é vazio, expressando-se mais por atos. A comunicação sensorial passa a ocupar a centralidade pois a ênfase está no registro primitivo, do ainda não pensamento e do ainda não representado. Uma parte somática e sensorial das vivências que permanece aprisionada, não tendo sido simbolizada, exprimindo, assim, a fragilidade intersubjetiva dos laços com as gerações precedentes. Esse é o terreno onde reinam os segredos que alimentam a incestualidade. É preciso diferenciar, no entanto, o segredo que diz respeito à proteção do espaço íntimo, segredo libidinal, como conceituado por Racamier (1995), do segredo incestual, que é antilibidinal.

O segredo libidinal é propiciador de pensamentos e de fantasias, ajustado com o circuito libidinal de sexualidade e inserido no reconhecimento da cena primária, garantidora da ligação às origens. São os segredos que criam laços em família e entre as gerações e que garantem o bom funcionamento do aparelho psíquico familiar. Já os segredos da incestualidade, por característica, funcionam como instrumentos de desconhecimento singular e familiar, prejudiciais ao bom funcionamento da comunicação.

Aliás, o que é comunicado em família é um constante silêncio ensurdecador, de não ditos, de “não dizer”, “de não pensar”, “não lembrar”. Os efeitos destrutivos desse tipo de segredo abrangem a negação das origens, impondo um interdito de

saber. Os segredos da incestualidade concernem às temáticas da morte e às da transgressão. Fica evidente a necessidade de elaboração de lutos, mas esse trabalho é a todo momento driblado pela insuportabilidade de contato com aspectos que são sentidos como vexatórios ou mortíferos. A problemática da elaboração do luto é central para o estabelecimento do segredo incestual, pois a memória que se perpetua não é a do morto, mas sim a do não luto de sua morte, como afirma Racamier (1995).

Morte e transgressão estão continuamente ligadas, ou, melhor dizendo, coladas. A memória familiar mistura, portanto, morte e transgressão, autor e vítima, revelando uma confusão também no que diz respeito à biografia familiar. Isso não ocorre sem motivos, ao contrário, os segredos incestuais têm por função a conservação e a sobrevivência familiar, ainda que ao preço do desbotar da alteridade. Esses segredos visam a manter a verdade sobre os fatos apartada e ofuscada, de forma a fazer reinar uma idealização do passado, como forma de preservar o narcisismo familiar e bloquear a elaboração de lutos.

Diante de tramas familiares marcadas pelo transgeracional e pela qualidade incestual, os comunicados pela via do sensorial podem configurar uma maneira de estabelecer um novo ato somatopsíquico em direção à recuperação do narcisismo familiar. Mas, em contraposição a essa boa resolução, encontra-se a ativação de uma fantasia de corpo comum familiar incestual (Grinspon, 2016), que funciona como um aspirador narcísico, uma força centrípeta alimentada pela sedução narcísica que dessubjetiva a função historicizante familiar.

Como afirma Grinspon (2016), não há sofrimento sem corpo, logo, é preciso encontrar vias de recuperação do aparelho psíquico familiar para que os corpos não sejam demasiadamente sacrificados pelas alianças alienantes e pela solução adesiva autocalmante imediata. A transmissão do negativo e a qualidade incestual, atuantes nos laços familiares, repercutem no atravessamento dos espaços psíquicos e na temporalidade da família, ocorrendo prejuízos no reconhecimento das diferenças e no processo de subjetivação. A sensorialidade é, nesse contexto, linguagem, e a comunicação sensorial é o que precisa ser escutada na clínica com famílias no sentido da elaboração da herança traumática.

A ESCUTA DO SILÊNCIO QUE ATRAVESSA O CORPO

O atendimento de um pai e sua filha adolescente era preenchido por narrativas superficiais, que camuflavam o contexto no qual estavam inseridos. A analista escutava um comunicado não-verbal para manter o silêncio, para não avançar. Pai e filha permaneciam muito sós frente à perda da esposa/mãe, e a própria analista se sentindo sozinha diante deles pontua que pareciam estar entrando em um campo com muito nevoeiro, onde não se tinha muita visibilidade. Ao longo das sessões, ficava claro que as vivências eram mantidas em silêncio, pois a proximidade mobilizava uma dor sentida como insuportável. A dor, expressa nos corpos por meio de dores de cabeça, de cansaço, de inapetência, era compartilhada e estabelecia comunicação a ponto de eles utilizarem inúmeros

recursos de apaziguamento compartilhados, como, por exemplo, remédios para dor de cabeça.

Ao chegarem em uma sessão, a lâmpada do abajur começa a piscar. O pai pergunta se já estava assim antes de eles chegarem. Em sua casa toda a fiação havia queimado, eles estavam às escuras. Complementa dizendo ver fantasmas. A filha disse que também os vê, mas não sabe exatamente o que pensar. Ele afirma que via vultos, mão por cima dos ombros, sensações de estranheza, “coisas que ficam no ar” e portas que não conseguem fechar. Ela diz serem os fantasmas deles que moram lá. A analista comenta que eles eram cercados de muitos fantasmas e pergunta se eles sabem que fantasmas são esses. Mais uma vez, o pai tentou minimizar a reflexão e a filha ficou em silêncio. Silêncio, aliás, que era marca de muitas sessões e era sentido pela analista como um silenciamento, acompanhado por um vazio psíquico. Ao longo das sessões, uma série de histórias de sumiços e abandonos geracionais foram revelados.

O pai conta, em outra sessão, que logo que conheceu a esposa se ligou a ela fortemente, e assim se mantiveram até a sua morte. A esposa cumpria uma função de cuidados, cuidando de tudo da casa e dele. Ele se perguntava o que teria a aprender com tudo que ruiu após a morte da esposa, já que os impactos foram sentidos tanto na vida doméstica quanto na vida social e profissional. Ele era um homem afetuoso e mantinha uma postura imatura, transitando entre marido e filho da esposa. Seu desespero ao perdê-la também se expressava no fato de nada saber do que se passava na casa ou sobre como lidar com a filha no cotidiano, já que a tratava como “meu bebê”. Dizia adorar as “relações coladinhas”, o que traduzia uma fantasia de indiferenciação, rompida com violência pela morte da esposa.

Conforme as sessões aconteciam, ficava evidente a incapacidade, naquele momento, de o pai refazer sua vida, e da filha desenvolver maior autonomia. Havia muitos relatos de percepções de vultos na casa, sensações corpóreas desconfortáveis e dificuldades alimentares. Do relato da história familiar, depreendia-se o luto não elaborado, que se revelava na necessidade de pai e filha se manterem colados, fechando-se por medo de perda.

Respeitar os limites implica opor-se às relações “bem coladinhas”, marca da interdição, que aciona o medo do desamparo. A analista fala da necessidade de prover um bebê de forma constante. A filha, contudo, já não era um bebê. Como é possível se responsabilizar por algo, se uma menina não tem essa capacidade? – referência à postura do pai diante da filha. E como estar em um cenário mais satisfatório, se uma menina não faz escolhas? – referência à postura da filha frente ao pai. O pai concordava, num tom impaciente, enquanto a filha se mantinha calada, como se aquele não fosse assunto seu - esse era o seu modo de estar no laço.

As relações familiares se apresentavam particularmente tumultuadas, coladas e indiscriminadas, ao ponto de terem sido indagados se eles eram namorados. Para o espanto da analista, a fala veio em meio a risos. As vivências de abandono e os

lutos não elaborados atuavam, acirrando uma qualidade incestual no laço. A analista se sente muito desconfortável, envergonhada, como se estivesse desnudando algo indevido e decide pontuar: “Pois é, pai e filha não podem namorar”. Essa pontuação gera risos constrangidos. Não havia espaço para pensar, uma espécie de pressão parecia estreitar espaços. Havia, entre pai e filha, um clima de naturalidade próprio da indiscriminação, o que demandava empenho maior para validar o que estava sendo sentido e visto pela analista – uma confusão entre lugares, gerações e papéis.

Os impactos da herança do negativo nos laços familiares se manifestam via sensorialidade, sobretudo se a incestualidade está presente. A vinheta clínica ilustra o modo como conteúdos transgeracionais são camuflados em uma atmosfera confusional na família. A falta de espaços mais delineados faz com que haja um medo de perda ou de aniquilamento. Assim, ocorre um estreitamento dos espaços entre corpos, que enseja o funcionamento incestual. Na família retratada, pai e filha viviam o medo de se aproximarem dos afetos relativos à perda, sendo necessário manter à distância os pensamentos, logo, não elaboravam lutos. A corporeidade, em consequência, era constantemente acionada, denunciando as heranças do negativo, e a comunicação entre eles ocorria, prioritariamente, pela via da sensorialidade.

Nota-se a atuação de uma aliança defensiva (Kaës, 2009) para manter silêncios entre pai e filha, sendo necessário se manterem colocados pelo medo de abrir espaço e serem inundados por sofrimentos. Ao mesmo tempo, um traço radioativo (Gampel, 2016) já contaminava pai e filha por algo do passado traumático de gerações anteriores, que se revelava nos silêncios, no mal-estar corpóreo e nos fantasmas circulantes na casa. Todavia, para transformar fantasmas em narrativas e símbolos é preciso elaborar a paradoxalidade que denuncia a manutenção da relação narcísica (Racamier, 1995), e que promove confusão entre as gerações e os papéis de cada um em família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transmissão psíquica transgeracional mobiliza as fantasias originárias e a carga pulsional nelas atuantes, a ligação entre Eros e Tânatos, força motriz que está na base das interações humanas. No tempo primitivo, o jogo de forças entre vida e morte existe em alguma fração em todas as organizações familiares, no entanto, ele é acentuado quando há um excesso de buracos que impede o delineamento dos espaços psíquicos e da temporalidade, e o acesso à memória.

Portanto, aquilo que não pôde ser elaborado e que permanece inacessível à memória e ao pensamento fica inscrito no psiquismo familiar e nos corpos, e é depositado e transferido às gerações posteriores através de clivagens e de incorporação de lutos não elaborados, podendo se expressar através de uma qualidade incestual. Consideramos a importância de um olhar mais atento à trama intersubjetiva, uma vez que suas reverberações são sentidas tanto na clínica com

famílias como na individual através de comunicações não-verbais e sensoriais e dos prejuízos no processo de subjetivação.

REFERÊNCIAS

- Aulagnier, P. (1975). *A violência da interpretação. Do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. (1967). Attacks on linking. In W. Bion, *Second thoughts* (pp. 93-109). London: Karnac.
- Bion, W. R. (1962). *Learning From Experience*. London: Karnac.
- Defontaine, J. (2007). *L'empreinte familiale. Transfert, Transmission, Transagir*. Paris: L'Harmattan.
- Eiguer, A. (2011). Transmission psychique et trans-générationnel. *Champ Psychosomatique: L'Esprit du temps*, (60), 13-25.
- Eiguer, A. (2020). Le temps remué par le transgénérationnel. *Le Divan Familial* (45), 45-55.
- Faimberg, H. (2001). A telescopagem das gerações: a propósito da genealogia de certas identificações, In R. Kaës (Org.), *Transmissão da vida psíquica entre as gerações* (pp.129-146), São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1996). A moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud* (Tradução J. Salomão, v. 9, pp.169-186). Rio Janeiro: Imago. (Original publicado em 1908).
- Gampel, Y. (2016). Différents mouvements de transmission : transmission radioactive destructive-transmission radioactive créative. *Connexions*, (106), 135-142.
- Granjon, E. (2000). A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In O.B.R. Correa (Org.), *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp.100-112). São Paulo: Escuta.
- Granjon, E. (2020). Le néo-groupe, un lien pour penser et/ou panser la famille en souffrance. Penser/Panser les blessures familiales. *Le divan Familial*, (45), 15-32.
- Grinspon, E. (2016). *Du corps familial incestual à la singularité subjective*. Recuperado em 06/10/2021 em: <http://eduardogrinspon.7kb.net/francais/du-corps-familial-incestuel-a-la-singularite-subjective-passage-par-lacte-ou-par-le-soma-comme-cheminement-vers-la-re-appropriation-subjective-du-noyau-identitaire-singulier-2/>
- Kaës, R. (1993). *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2009). *As alianças Inconscientes*. São Paulo: Editora Ideias e Letras.
- Kaës, R. (2011). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas.
- Khan, M. (1977). *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Obra original publicada em 1963).
- Palermo, F. R. (2021) Tecendo laços e desatando nós: a sensorialidade na clínica com famílias (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Racamier, P. C. (1995). *L'Inceste et l'incestuel*. Paris: Apsygee.
- Ruffiot, A. (1981), Appareil psychique familial et appareil psychique individuel, hypothèses pour une onto-éco-genèse. *Dialogue – Familles & Couples*, (72), 31-43.

CONFLITOS DE INTERESSES


Não há conflito de interesses.

FINANCIAMENTO


Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

SOBRE OS AUTORES

Fernanda Ribeiro Palermo é doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica, especialista em Psicoterapia de Família e Casal pela PUC-Rio, membro efetivo da Associação Brasileira de Casal e Família e membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. e-mail: fernandapalermo.fp@gmail.com.

 <https://orcid.org/0000-0001-9446-222X>

Andrea Seixas Magalhães é professora Associada do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora do Curso de Especialização em Psicoterapia de Família e Casal da PUC-Rio. e-mail: andreasm@puc-rio.br.

 <https://orcid.org/0000-0003-2992-9844>